Śiva se torna Ardhanārīśvara: Uma história do Kālikā Purāṇa recontada

por Satya Chaitanya

Nenhuma cultura no mundo tem produzido tantos modos de adorar a Deus quanto a Índia, nem qualquer outra cultura tem produzido tantas imagens de Deus para adorar. Desde a Realidade Última das Upaniṣads, a não nascida, imutável, imortal, informe existência-bem-aventurança-consciência além das palavras e além do alcance da mente, à divindade antropomórfica de uma única pequena aldeia tribal cantada em uma canção folclórica, para nós todas as concepções e percepções do divino são igualmente aceitáveis.

Enquanto cada uma dessas é unicamente bela, é difícil imaginar uma forma do informe que seja mais bela que a do Ardhanārīśvara, Śiva em sua forma andrógina, como metade homem e metade mulher. Encontrar-se olhando para Śiva nessa forma é estar perdido na beleza de todo o universo capturado em uma única imagem, ser transportado para um mundo de felicidade sem limites, ter um vislumbre de todo o significado esotérico da vida revelado em um instante.

Śiva como o Ardhanārīśvara é o melhor exemplo da união perfeita entre os pares complementares que formam o mundo e a vida nele: terra e céu, luz e escuridão, dia e noite, macho e fêmea, nascimento e morte, prazer e dor, todos. Em um nível humano, ele é o maior símbolo do amor possível entre homem e mulher, e entre o masculino e o feminino em cada um de nós. Como tantos outros conceitos yôguicos e tântricos, a imagem de Ardhanārīśvara é, com toda probabilidade, nascida de uma mente que tinha transcendido a si mesma na mais elevada meditação.

No entanto, o Kālikā Purāṇa nos conta uma história muito humana sobre a metamorfose de Śiva em Ardhanārīśvara. Esta é a história do amor de uma mulher por seu homem, sua possessividade, seu ciúme, sua insegurança, os medos de perder seu homem e seu amor para outra mulher – uma história que é tão fascinante pelo seu charme infindável e ternura infinita quanto a imagem andrógina é por sua sabedoria transcendental. E essa história é sábia também, a seu modo, de uma forma muito humana. É sábia nos caminhos do coração humano, especialmente do coração feminino em nossa cultura. Gaurī aqui é toda mulher, especialmente toda mulher indiana. Seus medos, suas inseguranças, suas angústias, são os medos, inseguranças e medos de toda mulher.

~ * ~

Gaurī, a história nos diz, passou muitos anos em austeridades severas, a fim de agradar Śiva e obter suas bênçãos. No final Śiva apareceu e perguntou o que ela queria. O que a mãe Gaurī queria era o que toda mulher quer – o amor inabalável de seu marido, o seu amor total e completo, o amor que ela não terá que compartilhar com nenhuma outra mulher. ‘Se você está satisfeito comigo’, disse a mãe do universo, ‘dá-me a bênção que você não terá outra esposa além de mim’. Śiva, como sempre fazia com seus devotos, estava imensamente satisfeito com a maior das suas devotas, sua amada Gaurī, e prontamente concordou com seu desejo. ‘Assim seja’, disse ele. ‘Eu não terei nem um pensamento sobre outra mulher no meu coração’. Gaurī atirou-se aos pés de Śiva, lágrimas de alegria encharcando sua face. Śiva levantou-a e segurou-a firmemente junto a ele, regozijando-se em sua alegria, regozijando-se em sua presença.

E então isto aconteceu um dia. Śiva estava sentado em uma rocha em Kailāsa e Gaurī estava sentada bem em frente a ele, seu coração dançando em êxtase porque ela estava com ele. Nada agradava tanto Gaurī quanto estar com seu Śiva. Ela sabia que eternidades poderiam ir e vir enquanto ela estava sentada na presença dele, com os olhos concentrados nele, e ela não saberia que um momento passou, ela não quereria saber se um momento passou. Mas de repente um estremecimento atravessou o corpo de Gaurī – todo o seu corpo estava trêmulo de medo, com descrença, com angústia profunda, sem palavras. A mãe do universo sentiu toda a força se esvaindo dela, seu corpo ficando sem energia, uma fraqueza possuindo-a como ela nunca havia conhecido no passado.

Ali, bem no coração de Śiva, havia uma mulher. Outra mulher.

Gaurī olhou para ela se esquecendo de piscar seus olhos, com o coração se esquecendo de bater. Quem era ela? Quem era aquela mulher no coração de Śiva? Quem tinha entrado em seu coração sem ela perceber? Quem Śiva tinha acolhido em seu coração traindo-a tão cruelmente, traindo o seu amor?

A mulher era bela, os olhos de Gaurī lhe diziam. Mais bela do que qualquer outra mulher que ela tinha conhecido. E ela era jovem e desejável. E parecia estar perdida em um êxtase que não era difícil para ela entender. Ela tinha conhecido aquele êxtase. O conhecido por eras. O êxtase do amor de Śiva. Amor que fazia o tempo parar. O amor que fazia eternidades passarem em um piscar de olhos. O amor que lhe fazia leve e flutuante sem peso. Amor que enchia seu coração até transbordar de tal modo que você chorava.

Esse amor era agora daquela mulher. A mulher cujo nome ela não sabia, mas que tinha tomado posse do coração de Śiva. Expulsando-a de lá. Tornando-a sem lar. Tornando-a indesejada. Tornando a sua vida não mais digna de ser vivida. Rasgando-a em pedaços. Mandando um milhão de setas para o seu coração de uma só vez. Empurrando-a sem piedade para as profundezas mais escuras de um oceano sem fundo, mantendo-a lá embaixo implacavelmente para que ela sufocasse, seu corpo desesperadamente ansiava por ar, por uma única respiração. E, no entanto ela não moveria um músculo para se salvar, pois a vida agora era sem valor, a vida tinha perdido todo o seu significado, ela não queria viver mais.

Uma eternidade passou. Quando foi que ela tinha visto aquela mulher no coração de Śiva? Foi um momento atrás? Foi há muito tempo? Quando ela, Gaurī, tinha deixado de existir? A mulher olhou para ela do coração de Śiva, suas sobrancelhas agora curvadas. Oh, como Gaurī a odiava!

E então de repente ela soube. Ela soube o que tinha que fazer. Uma vez ela tinha feito penitência e obtido um voto dele. Um voto que não mais existia. Ela faria *tapas* novamente. Ela ganharia o seu Śiva de volta. Ela afastaria aquela mulher, aquela usurpadora, para longe do coração do seu Śiva. Não, ela não queria viver com outra mulher no coração de Śiva. O amor de Śiva era dela. E ela o teria. Ela sozinha. Ela era a única mulher que Śiva amava. E ela deveria ser a única mulher na vida de Śiva. Ela e Śiva – eles foram feitos um para o outro. Eles eram um só. E eles permaneceriam um. Gaurī levantou-se e deixou Śiva. Ela sabia onde tinha que ir. Ela sabia o que tinha que fazer.

E o coração de Śiva se contorceu em agonia indescritível. Gaurī não era apenas a sua mulher, Gaurī era ele. Eles eram um, inseparavelmente um. Seu coração não bateria sem Gaurī. Ele não podia respirar sem Gaurī. Ele não sobreviveria um dia, um momento,

sem o seu amor. Ele precisava dela, como o peixe no mar precisa de água, como os pássaros no céu precisam de ar. Se ele era o dia, ela era sua luz. Se ele era a noite, ela era seu frescor. Ele não podia existir sem ela.

Śiva encontrou Gaurī em um pico remoto. Ela se encontrava em um mundo de trevas. Rios de lágrimas escorriam pelo seu rosto. Não havia luz em seus olhos, só tristeza, tristeza indizível, inefável. Nenhum riso neles. Parecia que ela nunca tinha rido – nunca rido nem uma vez em sua vida. Não havia rubor em sua face, o rubor que ele tanto amava. E parecia que ela não respirava. Ela era a sua Gaurī, ou era o fantasma da sua Gaurī?

Śiva tomou sua amada em seus braços. Ele segurou-a firmemente junto a ele, pressionando-a com força junto ao seu coração. E então ele sentiu que podia respirar. Segurando-a um pouco longe dele, ele olhou para o seu rosto, em seus olhos. Para o rosto e os olhos da mulher que uma vez foi sua Gaurī.

O que podia ter acontecido? O que podia ter acontecido com sua Gaurī para mandá-la para tais abismos de tormento?

Śiva cobriu o rosto dela com seus beijos. Seus olhos, sua testa, suas bochechas, seus lábios, sua cabeça. E então ele gritou seu nome. Gaurī! Gaurī! De novo e de novo e de novo. A mãe do universo ouviu o som vindo de longe. A voz de Śiva a chamá-la da distância de eons. Chamando-a do outro lado do universo. De além das estrelas mais distantes. Havia preocupação em sua voz. Dor. Profunda agonia. A sensação de perda sem fim. Desespero. Urgência desesperada.

Seu Śiva estava sofrendo. Gaurī se sentiu como uma ave ferida. Como uma ave que foi perfurada no coração pela seta cruel de um caçador impiedoso. Sua alma se contorcia em agonia.

Ela abriu os olhos. Olhos aterrorizados. Olhos cheios de dor infinita. Ela agarrou-se ao seu Śiva. Agarrou-se ao seu Śiva por sua vida preciosa, pela respiração da sua vida. Pressionando-o perto do seu coração. Do seu coração dolorido. Os braços dela doeram quando ela apertou-o com força junto a ela. Havia terror nela. O terror de perdê-lo.

Como ela tinha sido separada dele?

E então ela se lembrou. Aquela mulher. Aquela mulher no coração dele. A mulher cruel, sem coração, que tinha enlaçado o coração de Śiva, fez dele o seu lar. A bela mulher que a tinha expulsado de sua casa, a tornado sem lar, tornado a sua vida sem sentido, a destruído.

Empurrando Śiva violentamente para longe dela, ela o segurou pelos ombros. Ela olhou para o seu coração novamente.

Não havia nenhuma mulher lá.

Gaurī puxou Śiva para si mesma e caiu contra ele. E então ela chorou. Chorou como nunca tinha chorado antes. Nem mesmo quando tinha visto aquela outra mulher no coração de Śiva. As lágrimas corriam dos seus olhos sem parar. Rios de lágrimas. Torrentes de lágrimas. Rios descendo as encostas dos Himalaias.

As lágrimas da mãe do universo.

As lágrimas de tormento de toda mulher. A aflição de toda mulher.

As lágrimas de Śiva se juntaram às lágrimas da mãe do universo. Ele segurou-a apertado junto a ele, permitindo que toda a sua tristeza derretesse e fosse embora. E sentiu o seu próprio coração ficando leve enquanto ela chorava. O peso estava sendo tirado dele.

Violentos tremores sacudiam o corpo de Gaurī. Repetidas vezes.

O mundo começou a ficar mais leve novamente.

'Por que, Gaurī, por quê?' Perguntou Śiva, as palavras se recusando a sair da sua garganta, que ainda estava embargada. 'O que aconteceu, minha querida?'

E Gaurī, mais uma vez irrompendo em uma torrente de lágrimas, contou-lhe sobre a mulher que ela tinha visto em seu coração. A mulher que não estava lá agora, mas que estava lá quando ela o tinha deixado. A mulher linda, linda como ela jamais tinha visto outra mulher. A mulher que o tinha cativado, enredado, tomado o seu lugar no coração dele.

Śiva sentou-se confuso por um momento.

E então ele começou a rir.

'Oh, aquela mulher!', Disse ele, ainda rindo.

'Vamos para o lugar onde nós estávamos quando você a viu', disse ele, enquanto a levava gentilmente para a rocha sobre a qual eles estavam sentados mais cedo.

Quando foi isso? Há um tempo atrás? Eras atrás?

A luz caiu sobre o rosto de Pārvatī quando ela se sentou de frente para ele exatamente como eles se sentaram naquela ocasião. A luz do sol poente fez sua face brilhar, multiplicando sua beleza infinita miríades de vezes.

Śiva sentiu seu coração derreter de amor por essa bela mulher que o amava com todo o seu coração e todo o seu corpo, com toda a sua alma. Com um amor que era tão poderoso quanto as forças que mantinham universos juntos. Talvez, mais.

Sua Gaurī. Seu amor. Sua vida.

'Olhe novamente em meu coração', disse Śiva.

E Gaurī olhou.

E sentiu toda a dor que a tinha queimado tão cruelmente arder de novo em seu coração, as águas dos mares que a tinham afogado correndo para ela novamente, sufocando-a, tornando impossível respirar.

Um grito escapou dela. Um grito lancinante. Um gemido de tormento sem fim.

Gaurī fechou os olhos. Não, ela não queria vê-la.

'Abra os olhos, Gaurī', Śiva disse a ela. 'Abra os olhos e olhe'.

Śiva segurou-a pelos ombros e forçou-a a olhar para ele, para o seu coração.

E, lentamente, muito, muito lentamente, Gaurī abriu os olhos cheios de terror.

E então, seu rosto corou. Ela corou de vergonha.

Um sorriso apareceu em seu rosto. Um sorriso que era tímido no início. Reservado e tímido. Um sorriso que logo floresceu no mais belo sorriso que Śiva tinha visto no rosto de sua amada.

E a mulher no coração de Śiva sorriu para ela. Com um sorriso tímido no início. Reservado e tímido. Um sorriso que floresceu no sorriso mais belo possível.

E Gaurī soube quão bela ela era. Quão belo o seu sorriso era.

Muito mais bonita do que ela jamais tinha sabido que era.

A Gaurī que ela viu no coração de Śiva era um milhão de vezes mais bonita do que ela tinha visto a si mesma em qualquer espelho.

E Śiva olhou para sua amada e disse: ‘Você nunca mais sofrerá tanta dor. A partir de hoje, você e eu não seremos mais dois corpos e um coração, mas um único corpo unido, um único coração que bate com o nosso amor, uma só alma brilhando nesse amor’.

E Śiva pegou Gaurī em seus braços e segurou-a com tanta força junto a ele que os dois se uniram e se tornaram um.

Um só corpo, um só coração, uma só alma.

Um único ser.

Metade homem, metade mulher.

O Ardhanārīśvara.

Artigo publicado em 10/02/2007 em http://www.boloji.com;
traduzido para o português por Eleonora Meier em 02/03/2015.